

CENTRO UNIVERSITÁRIO ASSIS GURGACZ - FAG

**ANDRESSA RUTI DA SILVA MIGUEL
MARIA GABRIELY TOMACHESKI DA SILVA**

**UM OLHAR SOBRE O PAPEL DA MULHER REPRESENTADO NAS OBRAS DE
CAROLINA MARIA DE JESUS E DE GENI GUIMARÃES**

**CASCADEL - PR
2021**

CENTRO UNIVERSITÁRIO ASSIS GURGACZ - FAG

**ANDRESSA RUTI DA SILVA MIGUEL
MARIA GABRIELY TOMACHESKI DA SILVA**

**UM OLHAR SOBRE O PAPEL DA MULHER REPRESENTADO NA OBRA DE
CAROLINA MARIA DE JESUS E DE GENI GUIMARÃES**

Artigo apresentado no Curso de Letras como
requisito fundamental para a aquisição do
título de licenciado em Letras pelo Centro
Universitário Assis Gurgacz – FAG.

**Professora Orientadora: Suzana Ceccato
Casagrande**

**CASCADEL - PR
2021**

UM OLHAR SOBRE O PAPEL DA MULHER REPRESENTADO NA OBRA DE CAROLINA MARIA DE JESUS E DE GENI GUIMARÃES

MIGUEL, Andressa Ruti da Silva¹
SILVA, Maria Gabriely Tomacheski da²

RESUMO: A publicação da obra “Quarto de Despejo”, de Carolina Maria de Jesus, em 1960, rompeu barreiras na época de seu lançamento. A obra é composta em forma de diário e revela o cotidiano de uma mulher negra, marginalizada, catadora de papel e moradora da favela do Canindé, em São Paulo. Este diário desnuda todas as dores de Carolina, suas lutas, seus pensamentos e posicionamentos perante a sociedade e os meios políticos. Em seus registros, escancara-se o drama da fome e da desigualdade social, mas a linguagem revela a ternura de uma mulher que não perde a esperança e não desiste de sobreviver. A obra “A Cor da Ternura” de Geni Guimarães, publicada em 1989, apresenta o crescimento de uma menina negra. Em sua constituição enquanto mulher negra, ela convive com difíceis situações, sendo a principal delas, o racismo. Trata-se de uma publicação carregada de significação e representa, assim como “Quarto de despejo”, o lugar de fala das escritoras. Considera-se que a partir dessas duas obras, podem-se desnudar aspectos cruciais para a compreensão das desigualdades social e racial observada a partir da voz de quem as sofre. Ambas as obras registram dificuldades presentes na vida de mulheres negras: se de um lado a pequena Geni, que inicialmente aborda a intolerância na infância, por outro; a mulher, Carolina, enfrenta essa mesma intolerância ao criar os seus filhos. A analogia sociocultural entre essas narrativas será amparada por teóricos da Literatura, Filosofia e da Sociologia, tais como Antonio Candido, Joel Candau, Philippe Lejeune e Conceição Evaristo.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher Negra; Literatura Comparada; Racismo.

A LOOK AT THE ROLE OF WOMEN REPRESENTED IN THE WORKS OF CAROLINA MARIA DE JESUS AND GENI GUIMARÃES

ABSTRACT: The publishing of the work “Quarto de Despejo”, by Carolina Maria de Jesus, in 1960, was groundbreaking at the time of its release. The work is composed as a diary, revealing the everyday of a marginalized, litter-picker, black woman, who lives in the slums of Canindé, in São Paulo. This diary unveils Carolina’s pain, fights, thoughts, and positions regarding society and political means. In its registers, it lays bare the drama born from hunger and social inequality, but the wording reveals the tenderness of a woman who doesn’t lose hope and doesn’t give up on surviving. The work “A Cor da Ternura” by Geni Guimarães, published in 1989, presents the growth of a black girl. Throughout her growth as a black woman, she deals with complicated situations, the main one being racism. It is a publishing full of signification and represents, much like “Quarto de Despejo”, the place of speech of the writers. It is deemed possible to unveil, through these two works, crucial aspects to the understanding of social and racial inequality through the voice of those who suffer them. Both works register hardships present in the life of black women: in a way through the little Geni that initially tackles bigotry during childhood, and in another as Carolina, the woman, faces the same bigotry as she raises her children. The sociocultural analogy between these narratives will be supported by literary, philosophy and sociology theorists, such as Antonio Candido, Joel Candau, Philippe Lejeune, and Conceição Evaristo.

KEYWORDS: black woman; comparative literature; racism.

1 INTRODUÇÃO

Os textos que deram origem à obra “Quarto de despejo” foram escritos entre 1955 e 1960, com alguns períodos de interrupção. O livro foi publicado em 1960 e, apesar de ser um diário confessional de sua autora, a obra ganha feições de atemporalidade, que fazem dela uma produção literária muito atual. Isso porque a principal problemática abordada, ou seja, a fome e a desigualdade social permanecem existindo nas comunidades carentes das cidades brasileiras, e vêm materializadas pela dificuldade em conseguir trabalho, moradia digna, educação, saúde e alimentação.

Carolina, moradora da favela do Canindé, em São Paulo, retirava do lixo não só a matéria para a sua sobrevivência, mas também a inspiração para a sua literatura de denúncia. Em seu ofício, que mal lhe garantia o mínimo para viver, ela alimentava sonhos, o amor pelos filhos e a sua paixão pela escrita, que em inúmeros momentos, emerge como uma maneira de desabafo, que lhe permitia refletir sobre si mesma, sobre sua vida, conforme se observa no excerto a seguir: “Deixei o leito para escrever. Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades”. (JESUS, 1999). A autora frequentou a escola por apenas um ano e meio, o suficiente para ser alfabetizada. Desde muito jovem, precisou trabalhar como empregada doméstica. Em uma das casas em que trabalhou, que pertencia a um advogado que possuía uma vasta biblioteca, Carolina interessou-se pelos livros. É nesse momento de sua vida que ela tem contato com a obra “A escrava Isaura”, de Bernardo de Guimarães. Desde então, obteve gosto pela leitura e por escrever.

Então, registrava o dia a dia em seu diário, nele havia de tudo, seus sentimentos, como quando estava feliz, gostava de anotar e agradecer por mais um dia, e também escrevia as dificuldades de ser uma moradora da favela, lugar onde presenciava brigas nos barracos vizinhos e enfrentava dificuldades para se manter. Ela gostava de ler livros para seus três filhos, também cantava e fazia seu dia de trabalho render para retornar com trocados e comprar alimentos. Porém, essa grande mulher tinha o desejo de conseguir uma vida melhor para si e seus filhos e por fim, mudar-se da periferia de São Paulo. “Quando estou na cidade tenho a

impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo” (JESUS, 1960).

Ao analisar a produção “A cor da ternura”, é possível conhecer narrativa autobiográfica de Geni Guimarães, uma criança negra, que desde sua meninice, já convivia com atitudes e comentários racistas. Em um dado momento da história, a garotinha chega a questionar sua mãe, se caso chovesse água vinda de Deus, se sairia de sua pele a tinta que havia nela, ou seja, a sua pele negra. Mostra-se que a menina, principalmente em ambiente escolar, ficava desconfortável junto das demais colegas que eram brancas. E mesmo jovem, já percebia a diferença com que eram tratadas. A história aborda o crescimento da pequena e todo o preconceito que uma mulher negra enfrenta no decorrer de sua vida, começando pela infância.

Convém destacar que a obra “Quarto de despejo” apresenta uma importante ruptura também quanto à variedade linguística utilizada. A autora, na ocasião da publicação de seu diário, exigiu que fosse mantida a originalidade de sua escrita, mesmo que ela representasse desvios à norma padrão da língua. Carolina certamente compreendeu que uma revisão ortográfica removeria da obra a sua essência, a sua originalidade e o principal de tudo, a autenticidade.

Ainda quanto ao caráter genuíno das obras, é importante frisar o caráter confessional de ambas: “Quarto de despejo” é fruto de um diário de Carolina; “A cor da ternura”, como destaca a própria autora, Geni Guimarães, a própria autobiografia. As duas obras consistem em narrativas autênticas da representação do lugar de fala de mulheres negras.

Desse modo, o presente artigo visa mostrar que, o que Carolina redigiu publicado nos anos 60, abordava as dificuldades e o preconceito que enfrentava enquanto criava e buscava uma vida melhor para si e seus filhos, comparando com uma publicação recente, lançada quase 30 anos depois, que é a de Geni Guimarães, a qual narra vivências pessoais envolvendo questões raciais. Infere-se que, mesmo com 30 anos de diferença entre uma publicação e outra, os impasses ainda são recorrentes, ambas as obras desnudam algo que é ainda muito atual: a desigualdade e a discriminação.

2 COMPREENDENDO AS OBRAS

Com a publicação, em 1960, de seu livro “Quarto de Despejo”, Carolina Maria de Jesus se tornou uma das referências em literatura feminina negra no Brasil, escrevendo uma narrativa autobiográfica, a partir de seus depoimentos encontrados no seu diário íntimo. “A Cor da Ternura” é também um livro autobiográfico, pois a autora Geni Guimarães, desnuda a própria trajetória de vida, em meio a constantes formas de discriminação. A obra publicada, em 1989, traz-nos um conjunto de contos de sua infância até a fase adulta.

Com uma considerável frequência, a mulher negra tem sido caracterizada na literatura, na teledramaturgia e no cinema, a partir de um viés eurocêntrico, que subjuga a subjetividade dessa mulher, sujeitando-a a um papel subalterno e submisso. Para Conceição Evaristo (2005), a mulher negra é apresentada dessa forma, pois se assemelha muito com o passado escravo dos negros, o senhor usava seus corpos para procriação, ou simplesmente para seu mero prazer. Desde a literatura colonial, a mulher negra vem caracterizada por esses estereótipos.

Segundo Evaristo (2005), urge que a mulher se estabeleça como sujeito-mulher-negra:

Criam, então, uma literatura em que o *corpo-mulher-negra* deixa de ser o corpo do “outro” como objeto a ser descrito, para se impor como *sujeito-mulher-negra* que se descreve, a partir de uma subjetividade própria experimentada como mulher negra na sociedade brasileira. Pode-se dizer que o fazer literário das mulheres negras, para além de um sentido estético, busca semantizar um outro movimento, ou melhor, se inscreve no movimento a que abriga todas as nossas lutas. Toma-se o *lugar da escrita*, como direito, assim como se toma o *lugar da vida*. (EVARISTO, 2005, p.54).

Sendo assim, as autoras se estabelecem na literatura por meio de uma autorrepresentação. De acordo com Evaristo (2005), Carolina Maria de Jesus e Geni Guimarães estão entre essas literatas, pois em suas composições, elas concebem uma literatura própria, opondo-se às regras culturais de poderio, ou seja, ao modelo eurocêntrico de assujeitamento dessa mulher.

Geni é uma narradora que também é personagem, uma vez que em sua história, registra acontecimentos desde a sua infância até tornar-se adulta. No início, registra os afetos que recebia de sua mãe, adorava receber toda a atenção da família só para si, pois até então era a filha mais nova. Mas logo recebe a notícia, vinda de uma das suas irmãs, de que a mãe estava grávida. A partir daí, a menina

começa a crescer, e percebe que fora do convívio de sua casa, as pessoas são diferentes, tratavam-na de modo diferente devido à cor de sua pele, recebia ofensas vindas dos próprios colegas, fato que a deixava tão triste ao ponto de querer que a cor de sua pele negra fosse removida.

Carolina, em seu livro, desvela a realidade que é viver na favela do Canindé, o modo como é julgada quando vai trabalhar, sozinha ou acompanhada de seus filhos. No centro de São Paulo, a convivência com os seus vizinhos e as brigas ocorriam quase todos os dias na favela em que residia. Todavia, a autora aponta os sonhos que gostaria de cumprir, o orgulho que tinha de sua aparência, da cor de sua pele, de seu cabelo, e também a luta para manter seus filhos e a si própria.

No mesmo repertório, Carolina Maria de Jesus (1960) explana seus diversos pensamentos sobre o que pensa da cidade de São Paulo. A autora, na narrativa referente ao dia 19 de maio, relata ter ido até a cidade, e diz sentir-se como se estivesse em uma sala de visitas, rodeadas por almofadas de cetim, andando em um tapete de veludo. Mas quando retornava à comunidade, voltava para o seu quarto de despejo, sentindo-se um objeto fora de uso. É possível observar também que Carolina de Jesus (1960), em 07 de julho, sente-se no paraíso quando está na cidade, com paisagens cativantes e flores com uma gama de cores. As mulheres e crianças com suas melhores vestimentas em todos os momentos. Porém, São Paulo finge que as periferias não existem, a grande cidade da América do Sul encontra-se doente.

A discriminação e o julgamento das pessoas que moram na cidade ficam claros em todos os momentos da narrativa. Conforme a artista (1960), no dia 08 de junho, é exposta que os cidadãos, vivendo nas casas de alvenaria na grande São Paulo, olham os moradores da favela com uma aversão muito grande e o ódio é explícito. Por meio desses olhares, fica claro que a pobreza é algo nojento e sujo, e qualquer pessoa vinda de lugares precários corrompe a cidade. Mas ao morrer, não se difere quem mora na cidade de quem mora no morro, todos os indivíduos ficam iguais, todos se tornam pobres e desfavorecidos.

O conceito de que o gueto é um lugar poluído e sórdido fica muito perceptível nas palavras da autora. Carolina conta sobre o que acha da favela (1960): “É por isso que eu digo que a favela é o chiqueiro de São Paulo”. Já neste outro trecho, alega que (1960): “Por isso que eu digo que a favela é o gabinete do diabo”.

A periferia se caracteriza como um local que comporta pessoas subempregadas, indivíduos que não alcançaram uma boa profissão no mercado de trabalho, ou que foram despedidos de seus empregos e não conseguiram encontrar outro para se sustentar. Esses cidadãos não exibiram um controle que é imposto pela sociedade, tal como o domínio do código linguístico.

Pierre Bourdieu declara (2008), “os locutores desprovidos de competência legítima se encontram de fato excluídos dos universos sociais onde ela é exigida, ou então, se veem condenados ao silêncio”, portanto o estudo sobre o conhecimento linguístico ajuda para que as pessoas tenham uma melhor condição de vida, e claro, uma boa posição social. Na criação de Carolina de Jesus, um momento em que se vê a desigualdade entre a comunicação de uma pessoa com uma posição social de destaque na cidade de São Paulo e um dos filhos de Carolina, ocorre no juizado de menores. Naquele dia, uma funcionária questionava a criança com uma linguagem bastante grosseira, somente pelo fato de serem favelados.

Em diversos momentos de “Quarto de Despejo”, Carolina Jesus evidencia que, como é a única pessoa para sustentar sua família, precisa catar papel todos os dias, independente se está calor, frio ou chovendo, não há dia de descanso, mesmo se estiver doente ou indisposta, não repousa, pois segundo ela, pobre não tem direito a isso. Portanto, vive uma realidade cíclica, pois essa é a sua vida diária. Em sua produção, a catadora de papel e seus filhos moram em uma comunidade na qual o adultério, a prostituição, a violência doméstica e o alcoolismo são constantes ao seu redor. E, ainda assim, há um tópico a ser destacado: a fome. Nesse cenário repleto de contradições, a fome é o componente central da história.

Em inúmeras circunstâncias, nota-se que não há cruzeiros suficientes para comprar comida para seus filhos. Há dias em que não é possível comprar arroz, feijão, carne, banha ou pão, alimentos básicos para que pudesse preparar refeições. Como Carolina é mãe, muitas vezes acabava deixando de comer para que seus filhos pudessem se alimentar com o que havia na mesa, e ia trabalhar com fome. De acordo com Carolina de Jesus (1960), ela está triste, desnorteada e mal-humorada porque, durante o domingo todo, não tinha o que comer.

Em uma determinada parte do livro, Carolina menciona sobre o suicídio do senhor Tomás no dia 29 de abril, pois o homem sofria demais com o custo da vida.

Ela não gostaria de morrer de fome, mas também não tem a determinação de se suicidar, sendo assim, quando encontrava comida no lixo, ela catava e comia.

Carolina de Jesus (1960), diz que o país deveria ser governado por um ser humano que já passou fome, pois a fome ensina. E também comenta que a fome é como se fosse um professor, pois quem já passou por isso, aprendeu a ter compaixão pelo próximo e também com os menores. Ainda aconselha os futuros políticos, posto que o povo não atura a fome, e somente uma pessoa que já passou por essa experiência, saberia a dureza que é enfrentar tudo, diariamente.

Outra vertente importante que a escritora destaca é a certeza de que apreciava o fato de ser negra, e que se houvesse reencarnações, apesar de todo o preconceito que os negros sofrem, gostaria de voltar negra:

16 de junho: Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rustico. Eu até acho o cabelo de negro mais iducado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. É indisciplinado. Se é que existe reencarnações, eu quero voltar sempre preta. (JESUS, 1960, p. 58).

Essa atitude de orgulho diante da própria etnia remete aos escritos de Geni Guimarães, pois a cor da ternura é a cor negra. A vida da narradora-personagem era repleta de curiosidades, sonhos, medos, desafetos, situações preconceituosas, mas também havia amor. Isso porque a menina encontrava o amor em sua família. Seus pais eram negros e seus irmãos também. E era no convívio com os seus, no colo e no peito de sua mãe onde se sentia amada, e recebia a atenção que tanto apreciava e almejava receber, por até então ser a irmã mais nova da casa.

3 MEMÓRIA E IDENTIDADE

A forma com que Carolina escrevia em seu diário, abordando tudo o que vivenciava na favela do Canindé, marca não somente sua resistência, como também traços de suas memórias. Isso porque cada registro em seus cadernos, seja sobre aquele dia sem ter o que comer, seja agradecendo por simplesmente existir mais um dia, havia também a descrição por meio de suas memórias, sobre o que passou e enfrentou em sua dura jornada. Ela marcava não somente uma junção de suas memórias, como também a construção de sua identidade.

E, apesar das poucas frequências na escola, ela amava escrever, ainda que não utilizando a ortografia padrão, ela conseguia transmitir perfeitamente a mensagem que gostaria de transmitir, com sua escrita íntima, registrando ali a sua identidade. E apesar de tanta dificuldade, ela escrevia por puro prazer, e mais de 4.500 páginas foram realizadas por ela, em média de seus 37 cadernos, que foram encontrados nas lixeiras por ela enquanto trabalhava. E mesmo com tão pouco conhecimento, diversas obras extensas foram escritas.

Ainda comentando sobre memórias, Geni também utilizava as suas para escrever. Em sua obra, ela começa relatando sobre a sua infância e tudo o que passou, incluindo os comentários racistas, que ficaram marcados, como todos os ciúmes bobos entre irmãos e todo o crescimento dela enquanto menina, mostram traços da memória da autora.

É quando a narradora-personagem conta cautelosamente pequenos detalhes que somente quem viveu e passou por aquilo saberia descrever. Isso porque são vivências pessoais e íntimas compartilhadas em forma de narrativas. E é em “A cor da ternura” que apesar de todos os desafios enfrentados por ela, acabaram por fazer parte da construção de sua identidade social.

Joel Candau é antropólogo francês e autor de *Memoire et Identité*, publicado em 1998. Nessa obra, o autor dialoga com outros autores, sendo um deles Pierre Bourdieu, em que retrata o conceito de memória e identidade. Em suas explicações, ele distingue o tipo de memória entre a forte e fraca, e também, classifica-as em três diferentes níveis, como a protomemória, memória de evocação e metamemória.

Em relação à protomemória, Candau afirma ser semelhante ao *habitus*, presente na teoria de Bourdieu (2009), pois o *habitus* depende da protomemória. Sendo assim, para Candau (2011, p.22), a protomemória é nada mais que uma memória social incorporada, e ela é expressa por gestos, práticas e por meio da linguagem. Também é realizada sem julgamento prévio e ocorre automaticamente. Já a memória de evocação, ocorre por intermédio de recordações, crenças, sensações, sentimentos e até saberes científicos.

A metamemória seria a que traz a construção consigo, ela é constituída de lembranças, das próprias vivências, acontecimentos e o que se recorda disso tudo. E esse nível, é o que está presente tanto na obra de Carolina Maria de Jesus, quanto na de Geni Guimarães.

Ambas as autoras escreveram suas obras por meio do que Candau chama de metamemória, ou seja, mediante o que vivenciaram e do que se recordam disso. Carolina as anotava no mesmo dia em que ocorriam: fosse algo bom ou ruim, estava lá anotado o resumo do seu dia. Geni utiliza de suas memórias e as compõe em narrativas, que facilmente compreende-se que são assuntos e temáticas extremamente íntimas e somente quem as viveu poderia recordá-las e registrá-las de tal forma.

3.1 A IDENTIDADE AFRO-BRASILEIRA

Em “A cor da ternura”, Geni Guimarães narra em primeira pessoa toda a sua trajetória, começando pela sua infância até quando se torna adulta. No decorrer da obra, há a construção de sua identidade como mulher negra, sofrendo preconceito, sendo rejeitada pelos colegas brancos, convivendo com atitudes racistas, sendo excluída de atividades por ser negra. Ela supera inúmeros desafios que marcam a edificação da identidade de uma mulher negra.

Ao tomar conhecimento sobre a infância da autora, percebe-se que ela amava receber toda atenção de sua mãe para si, pois era a irmã mais nova até então. Logo, ela acabou por descobrir que perdeu esse posto para o bebê que estava por vir, e por conta disso, não poderia mais se alimentar do leite materno que tanto apreciava, sentar-se no colo de sua mãe enquanto recebia carinho e atenção. Então, logo a menina descobriu o motivo pelo qual não poderia mais consumir o leite da mãe, quando sua irmã lhe dá o recado.

A mãe não está doente, bobinha. Lembra que a Cecília te contou que ela tinha encomendado nenê? Então. Ele está guardado na barriga dela, por isso que a mãe está gordona. Você não está dormindo comigo? Pois é pra não machucar o nenê. (GUIMARÃES, 1998, p.17).

A partir de tal momento, quando toda a atenção da casa passa a ser dada ao novo membro da família, é quando começam os registros de seu amadurecimento. Ela passou a frequentar a escola, brincar na rua com a vizinhança e muitas dúvidas começaram a surgir por conta de seu desenvolvimento. E uma delas é sobre a cor de sua pele.

No primeiro capítulo do livro, que recebeu o título de “Primeiras lembranças”, a menina Geni estava brincando com seus colegas, que eram brancos, e acabou recebendo comentários ofensivos vindo deles, que se recusaram a continuar brincando com a menina negra. Expressões como: “ladrona”, “boneca de piche”, “cabelo de Bombril” levam a garota a questionar sua mãe: “-Mãe, se chover água de Deus, será que sai a minha tinta? ” (GUIMARÃES, p. 10, 1998), e a mãe então responde:

Credo-em-cruz! Tinta de gente não sai. Se saísse, mas se saísse mesmo, sabe o que ia acontecer? — Pegou-me e, fazendo cócegas na barriga, foi dizendo: — Você ficava branca e eu preta, você ficava branca e eu preta, você branca e eu preta... (GUIMARÃES, 1998, p. 10).

A partir desse questionamento, a constituição enquanto mulher negra de Geni, passa a ser construída. Ela nota comentários racistas vindo de seus colegas, atitudes que os amigos brancos poderiam ter e ela não se sentia segura para realizar, como simplesmente beijar a professora ao fim da aula, algo que ela sempre teve vontade de fazer, mas pela cor de sua pele, sentia-se insegura. Até que em um determinado momento de sua história, ela decide arriscar e beijar a professora, mas a reação desta mortificou a menina.

Novo disparo no peito e o coração de volta para a garganta. O beijo! Não havia tempo para dúvidas. Só faltava eu. Levantei-me depressa, ergui os pés e encostei os lábios no rosto da mestra. Dei dois passos em direção a porta, esbarrei na mesa, enrosquei o cadarço da alpargata no pé da cadeira. Abaixei para me livrar do enrosco e olhei para trás. Dona Odete, com as costas da mão, limpava a lambuzeira que eu, inadvertidamente, havia deixado em seu rosto. (GUIMARÃES, 1998, p. 55).

E, durante as narrativas, é notável o preconceito que Geni sofria por ser negra, seja vindo de seus colegas, ou até mesmo a atitude da professora, e isso marcou o amadurecimento da garota.

Já em um capítulo seguinte do livro, denominado “Metamorfose”, há uma segunda renúncia de sua cor. Nesse conto, a menina tenta mais uma vez renunciar sua cor negra, mas desta vez, utilizando pó vindo de construções e tijolos.

Assim que terminou a arrumação, ela voltou para casa, e eu juntei o pó restante e com ele esfreguei a barriga da perna. Esfreguei, esfreguei e vi que diante de tanta dor era impossível tirar todo o negro da pele. Daí, então, passei o dedo sobre o sangue vermelho, grosso, quente e com ele comecei

a escrever pornografias no muro do tanque d'água. (GUIMARÃES, 1998, p. 69).

E seguido desses trechos, repletos de dor, oriunda do racismo, é possível identificar o sofrimento de Geni, enquanto uma menina negra que estava crescendo e se descobrindo, ao invés de ter uma infância tranquila, tinha sua juventude repleta de preconceito e uma luta diária consigo mesma para conseguir seguir em frente. O que também é um alerta referente ao alto nível de racismo no país, e o que a intolerância pode causar tanto na formação de uma tão adorável e inocente menina quanto mulher negra.

A obra registra não somente os momentos em que a personagem protagonista enfrentou comentários e atitudes racistas, mas também como ela reagiu, lidou, lutou e conviveu com isso. “A cor da ternura” relata não só o crescimento em si, como o amadurecimento psicológico ao lidar e enfrentar tudo isso, que foi desde superar nomeações preconceituosas, renegar a sua própria cor e sua luta para superar todos esses desafios enquanto ainda era apenas uma criança.

Apesar de inúmeros desafios, e tendo até uma recordação ruim de sua educadora, Geni sonhava em se tornar professora futuramente. E é com o apoio de seu pai que luta para atingir esse seu objetivo. Mesmo com comentários desmotivadores a respeito de sua tão sonhada profissão, ela já havia lidado com tanto preconceito em sua vida, que superar mais essa provação seria desafiador, faria de tudo para atingir sua meta. Ser professora, um sonho para si e uma admirável realização para seu pai que tanto a apoiou em meio ao caos. E o sonho foi concretizado, apesar de frustrações, dores, lutas e superações, e a família toda de Geni estava lá, prestigiando a sua colação de grau.

O gosto pela profissão de professora é algo comum entre Geni e Carolina. Apesar de poucos anos frequentando escola, Carolina amava as professoras que tivera e amava tudo que era relacionado a escrever. Tanto que uma de suas filhas, anos após toda a trajetória que é contada em “Quarto de despejo”, também se tornou professora, concretizando a paixão de sua mãe.

3.2 AUTOBIOGRAFIA

O termo autobiografia remete-se a uma narrativa que expõe os detalhes sobre a vida do autor. E não poderia ser diferente com a obra “A cor da ternura”, composta por pequenas narrativas que abordam desde a infância da autora até a sua fase adulta, e com “Quarto de despejo” produzido em forma diário, e nele há os registros do dia a dia de Carolina, apresentando toda a sua trajetória e levando aos detalhes mais íntimos de sua luta diária.

Com tais registros, o sociólogo francês, Philippe Lejeune, especialista no gênero da autobiografia, menciona que é característico de toda obra autobiográfica começar relatando momentos da infância do autor (LEJEUNE, 1996). E na obra de Geni Guimarães, narradora-personagem de sua história, não foi diferente.

Ele relata ainda, que os autores que publicam autobiografias, normalmente são autores não conhecidos entre seus leitores, a menos os que já publicaram outras obras e tiveram um grande alcance anteriormente.

No caso de Carolina, ela era uma autora autônoma, ninguém sabia de seus escritos, até que o repórter Audálio Dantas a apresentou por meio de fotos, antes que seus diários fossem publicados, para que quando fossem, o público já reconheceria a autora. Ela sonhava em ver seu nome como escritora na capa de um livro.

E para quem tinha uma vida abarrotada de dificuldades, enfrentando a fome em diversos graus e relatando várias vezes em seu diário, Carolina sonhava em ter uma vida melhor, mesmo convivendo com tantas dificuldades:

31 de maio sábado - o dia que quase ficou louca porque preciso arranjar o que comer para sábado e o domingo. (...). Fiz o café e os pães que eu ganhei ontem. Puis feijão no fogo. Quando eu lavava o feijão pensava: eu hoje estou parecendo gente bem - vou cozinhar feijão. Parece até um sonho! (CAROLINA, 1960, p.42-43).

Ela ainda comenta, criticando o governo da época, que o país deveria ser governado por uma pessoa que já passou fome, pois a fome é como um professor, a fome ensina. (CAROLINA, 1958, p. 26). E em outros determinados momentos de seu diário, Carolina (1958, p. 107), comenta que, no dia anterior, ela e seus filhos se alimentaram muito mal, e no dia presente, pior ainda.

Enquanto Carolina fazia anotações em seus cadernos, ela chegava a mencionar em um deles, que já fazia tempo que ela pretendia fazer o seu próprio

diário, ter a sua autobiografia, mas achava que não teria valor algum caso fizesse, e que também seria uma perda de tempo investir nisso. Mas também nunca desistiu do seu sonho.

Mal imaginava que seus diários, com sua personalidade marcante e seus escritos únicos, fariam sucesso pelo país e afora, e foram as anotações em seus cadernos que futuramente formariam seu diário, que prendeu a atenção do jornalista Audálio Dantas. Quando Carolina esteve a par de tudo isso, houve motivação para que ela continuasse anotando tudo de seu cotidiano.

E segundo Lejeune (1998, p. 39) a autobiografia é escrita para ser lida. Ainda mais uma obra que registra toda a rotina de uma mulher negra, *favelada* e catadora de papel, com paixão por escrever, mesmo tendo uma vida desafiadora e os seus filhos para serem criados.

4 LITERATURA E SOCIEDADE

Antonio Candido (2006), aponta em seu livro “Literatura e Sociedade” sobre os autores que antigamente escreviam sobre o valor e o significado da realidade imposta na obra, constituindo o que tinha de essencial. Após esse período, chegou-se à posição oposta, procurando mostrar que a obra era secundária, e o que mais importava eram peculiaridades escritas pelo literato, pois o tornava independente de qualquer condicionamento, tornando ineficaz como parte da leitura e compreensão dos leitores.

Contudo, na atualidade, as obras não adotam mais essas concepções dissociadas, pois para um entendimento mais profundo é necessário compreender o texto e o contexto para ter uma interpretação íntegra, em que existe o velho ponto de vista evidenciado por fatores externos, quanto ao outro, há um arranjo independente, que juntando esses dois elementos há um grande recurso interpretativo. Candido (2006) também afirma que o externo – o social – importa muito, visto que é uma parte essencial para constituir a estrutura, tornando-o então, interno.

Para Candido (2006) a obra de um escritor se relaciona totalmente à condição social em que se insere e isso determina a sua posição. Nas obras “Quarto de despejo” e “A cor da ternura”, destaca-se o íntimo, seus cotidianos, a existência do

testemunho vivida pelas duas escritoras. Existe a fala de grandes mulheres negras, há a propriedade de mostrar e não se calar perante a sociedade, visto que é evidente a condição de ambas. Encontram-se heroínas negras que, com suas escritas encantaram milhares de pessoas, firmando o externo com o interno com muita clareza.

Candido (2006) afirma que uma obra se submete ao seu autor e à sua realidade vivida, e que a obra se constitui por valores sociais, ideologias e sistemas de comunicação:

A obra depende estritamente do artista e das condições sociais que determinam a sua posição. Mas por motivo de clareza preferi relacionar ao artista os aspectos estruturais propriamente ditos. Quanto à obra, focalizemos o influxo exercido pelos valores sociais, ideologias e sistemas de comunicação, que nela se transmudam em conteúdo e forma, discerníveis apenas logicamente, pois na realidade decorrem do impulso criador como unidade inseparável. Aceita, porém, a divisão, lembremos que os valores e ideologias contribuem principalmente para o conteúdo, enquanto as modalidades de comunicação influem mais na forma. (CANDIDO, 2006, p. 34).

Para Seligmann-Silva (*apud* MONTEIRO, 2018, p.19), os acontecimentos vivenciados por uma pessoa, em seu passado, trazem o nome de literatura de testemunho, pois é possível aproximar-se com o passado descrito pelo autor, tendo um material amplo e empírico, com uma perspectiva similar ao que ocorreu com o escritor em uma época distante. O testemunho sucede-se a partir de uma história vivida por uma pessoa, pois o mesmo relata a sua experiência. Seligman-Silva se fundamenta por meio de histórias ocorridas anos atrás, que geraram grande impacto para a humanidade.

De acordo com Candido (2006), a obra, o autor e o público se tornam um sistema simbólico para a comunicação inter-humana, formando, portanto, um trio indissolúvel. Define-se então, um processo que é denominado obra-autor-público, no qual um depende do outro para ter o entendimento total desse conjunto.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No artigo, procurou-se mostrar o papel da mulher representado nas obras “Quarto de Despejo” de Carolina Maria de Jesus, e “A Cor da Ternura” de Geni Guimarães. Carolina é uma mulher solteira, mãe de três filhos, semianalfabeta,

moradora de uma favela e que por meio de seu diário conta a realidade vivida por ela e sua família. E apesar de tanto sofrimento, ela nunca desistiu de seus sonhos, de se tornar uma escritora, de sair da favela do Canindé, e de poder dar aos seus filhos uma vida melhor.

Geni Guimarães, por sua vez, publica uma autobiografia de toda a sua vida, relatando momentos desde a sua infância até sua fase adulta, descrevendo todo o racismo e a intolerância sofrida, muitas vezes, querendo renunciar a sua pele negra por sofrer com tantos comentários no decorrer de seu amadurecimento.

Na obra de Carolina são encontradas críticas muito explícitas sobre a sociedade brasileira da década de 1950, a política, economia, o convívio social entre as pessoas, o espaço ambientado pelos indivíduos de diferentes classes sociais. É uma narrativa contendo elementos de memória, discurso e identidade, e por meio dessa literatura, existe uma mulher negra e pobre que enfrentou adversidades, porém foi capaz de transmitir a sua realidade diária.

A obra “Quarto de despejo”, então, é uma produção atual, mesmo sendo publicada há mais de 50 anos. Existem inúmeras Carolinas, vivendo em lugares com baixas condições de vida, alto índice de fome, poucas oportunidades de trabalho, mas com um grande sonho e garra para enfrentar todos esses desafios e ter uma condição de vida melhor.

Geni expôs, em sua criação, uma autobiografia, mostrando a sua infância e a história de sua família, os amores e o ciúme entre seus irmãos, o racismo e preconceito vividos desde criança, questionados e desafiadores em sua adolescência, até conseguir superar inúmeros desafios chegando à sua fase adulta, sob a perspectiva de narradora personagem.

A autora constrói a sua identidade durante o decorrer de sua obra, principalmente na aceitação de si mesma como mulher negra. Geni deixou representado que a mulher negra pode passar por todas as barreiras impostas pela sociedade para consolidar-se nela, assim, teve forças para enfrentar e superar tudo que ocorreu e realizar o seu sonho de se tornar professora.

O papel da mulher negra em ambas as obras aborda inúmeras dificuldades, as vidas das autoras não foram fáceis até conseguirem conquistar seu espaço na sociedade. As construções de suas identidades ocorreram por meio de muita luta e muito sofrimento, e mesmo retratando-se de obras e memórias de décadas

passadas, a constituição de uma mulher negra, na sociedade atual, não é muito diferente.

As obras “Quarto de despejo” e “A cor da ternura”, mesmo escritas há mais de 50 e 30 anos, respectivamente, continuam sendo temáticas atuais, pois abordam temas importantes que estão presentes na contemporaneidade, com uma grande representação social das mulheres negras, sendo ambas as escritoras, protagonistas de suas próprias histórias.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Gabriela da Paz. **A busca pela identidade em A cor da ternura de Geni Guimarães**. Anais V ENLIJE... Campina Grande: Realize Editora, 2014.

BATISTA, Ana Maria Haddad. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet, Philippe Lejeune: Martha Gerheim Noronha (Org.)**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das Trocas Linguísticas: O que falar quer dizer/** Pierre Bourdieu; prefácio Sergio Miceli – 2 ed., 1ª reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. (Clássicos; 4).

CANDAU, Joel (2011). **Memória e identidade**. Tradução: Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011, 219p.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9ª ed. Ouro sobre azul/ Rio de Janeiro, 2006.

EVARISTO, Conceição. **Da representação à autorrepresentação da mulher negra na Literatura Brasileira**. Revista Palmares: cultura afro-brasileira; Brasília, ano 1, n.1, set. 2005.

GONÇALVES, Joyce Rodrigues Silva. **Infância: A questão da memória na autobiografia**. RevLet – Revista Virtual de Letras, v. 05, nº 01, jan/jul, 2013 ISSN: 2176-9125.

GUIMARÃES, Geni. **A Cor da Ternura/** Geni Guimarães; ilustrações Saritah Barboza. – 5 ed. – São Paulo: FTD, 1991. – (Coleção canto jovem).

LEJEUNE, Philippe. **Le pacte autobiographique**. Paris: Editions du Seuil, 1996.

_____, Phillipe. Lettre ouverte sur le journal intime. In: ***Pour l'autobiographie*** Paris: Editions du Seuil, 1998.

MONTEIRO, Gustavo Feital. **Analisando a escrita do passado: sobre o conceito de “literatura de testemunho” de Seligmann-Silva.** Revista Vernáculo nº 4' – primeiro semestre/2018.

MOREIRA, André Luis Gomes. **Carolina Maria de Jesus e a representação social de pobre em Quarto de Despejo.** Universitas Humanas, Brasília, v. 9, n. 2, p. 13-21, jul. /dez. 2012.

SOUSA, Germana Henriques Pereira de. **Memória, Autobiografia e diário íntimo: Carolina Maria de Jesus: escrita íntima e narrativa da vida.** In: Hermenegildo Bastos; Adriana de F.B. Araújo (Org). Teoria e prática da crítica literária dialética. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 2011, p.86-108.

SOUZA, Tito Eugênio Santos; GOMES, Isaltina Maria de Azevedo Mello. **Quarto de Despejo: as páginas amarelas do diário de Carolina Maria de Jesus.** Revista Literatura em Debate; v. 9, n. 17, p. 66-79, dez. 2015.

TOBALDINI, Renata Teixeira de Castro; SEGATO, Maiara Cristina. **A identidade cultural e social da mulher negra em Quarto de Despejo.** Revista Fórum Identidades; Itabaiana – SE, Universidade Federal de Sergipe, v. 29, nº 1, p. 61-78, jan. -jun. de 2019.